



Campinos

Apontamentos de Sérgio Perilhão

Câmara Municipal de Benavente

Campinos

Apontamentos de Sérgio Perilhão

de Sérgio Perilhão

Câmara Municipal de Benavente

Título Campinos - Apontamentos de Sérgio Perilhão

Autor **Sérgio Perilhão**

Projecto Gráfico **GIRP | CMB**

Edição **Câmara Municipal de Benavente**

Textos de Sérgio Perilhão publicados no programa das
Festas em Honra de N.^a Sr.^a da Oliveira e
de N.^a Sr.^a de Guadalupe

Depósito legal n.º

Impressão Gráfica Central de Almeirim

Tiragem 300 exemplares

Sérgio Perilhão foi um Homem de Fé, de memórias e de tradição, que revelou de forma única a identidade e o espírito de ser ribatejano. Foi alguém que viveu intensamente todo o universo associado à lezíria e à charneca e teve a capacidade e o talento para transmitir essas vivências tão genuínas. Ao longo da sua vida foram surgindo as oportunidades de registar os momentos, as histórias e as pessoas que partilhavam consigo essa grande paixão pelo campo, pelas lides de toiros e pela sua terra, Samora Correia.

Sentia a lezíria e a charneca numa união plena com as suas gentes, e foram estes testemunhos que nos deixou em histórias que foram sendo publicadas e partilhadas connosco ao longo dos anos. A edição que agora apresentamos, **“Campinos, Apontamentos de Sérgio Perilhão”**, integra um conjunto de textos publicados nos programas das Festas em honra de Nossa Senhora da Oliveira e Nossa Senhora de Guadalupe em que os campinos são, indiscutivelmente, a figura central.

Esta edição pretende garantir que o trabalho realizado por Sérgio Perilhão de forma tão intensa, evidenciando as memórias e as tradições que contribuem inequivocamente para a identidade de um povo, possa prevalecer no tempo. E este é com certeza o nosso grande propósito.

Samora Correia

Os Campinos e as Homenagens

Os campinos, um «ex-libris» do Ribatejo, têm em Samora Correia o berço de gerações sucessivas de homens que abraçaram a vida do campo.

As famílias Samorenses que sempre deram homens para as lides dos toiros e das fainas agrícolas, tendo sempre o cenário da Lezíria e da Charneca como pano de fundo, são a «Fonte» desta riqueza.

Os anos e a evolução dos tempos que parecem ofuscar os passados remotos e recentes, enfrentam em Samora Correia a força dos que por amor à sua Terra querem preservar as suas «coisas» e as suas gentes.

Aqui são homenageados, em cada ano que passa, aqueles que aqui nascem e que aqui vivem, na Charneca ou na Lezíria, em terras do Sorraia, do Almansor e do Tejo, onde o gado e as searas ocupam o quotidiano.

O Ribatejo aqui está vivo!
Honra aos nossos Campinos!!!

Sérgio Perilhão

“Atentos e vigilantes... são os campinos que mantêm a tranquilidade na planície Ribatejana. São eles os verdadeiros dominadores de toda a lezíria.”
in Campinos por Armando Vieira Santos

Uma estória de Alfredo Abrantes

“Oh patrão, os toiros do seu primo são todos mansos!”

Conviveu com as gentes da Chamusca e da Golegã. Calcorreou as charnecas de montados, estevas e tojos e cavalgou na Lezíria Grande. Manejou manadas de toiros e novilhos nas terras do Ribatejo. Enraizou-se no Mouchão da Cabra, onde permaneceu até aos mais de setenta anos, vividos totalmente no campo, em planícies de fenos e restevas, pasto natural com que se engordavam as cabeças de gado. Aqueles que conheceram de perto a raça de gado bravo que Norberto Pedroso detinha com afeição, sabiam como lidar e conduzir as manadas desta casta. Contavam os velhos campinos que se podiam levar os “norbertos” até ao fim do mundo, desde que lhe não tocassem com o bico da vara ou lhes batessem na cabeça ou na ponta dos cornos. Assim o diziam os maiorais antigos, que os levavam no meio dos cavalos sem percalços.

Num ano de cheia, dia de Inverno rigoroso, na saída para a charneca da Herdade da Formiga, ao passar a ponte no Porto Alto, quando precisaram de dobrar a manada em direcção à Estrada Real, um dos campinos amedrontou-se ao sentir que um dos “norbertos” passara para a frente dos cabrestos e se encostara à sua montada a soprar junto ao estribo do maioral que, sem pensar nas consequências, lhe deu com o pé da vara na cabeça. O gesto impensado foi motivo para que o toiro desse um salto e ficasse na frente dos cavalos, de tal maneira que levou a manada atrás de si, abrindo a galope rasgado. Os tres- malhados só foram dominados a jeitos de Braço de Prata, depois de terem andado pelas terras dos fazendeiros que ficavam contíguas à Estrada Real.



Os campinos Alfredo Abrantes e Francisco Pepino (Euleutério), na Golegã, em 1940

Contou-me o Pedro Desterro que na Casa Pinto Barreiro, havia um toiro que baptizaram de “Roupa Branca”. Cada vez que passava na Estrada Real a caminho da Charneca ou de regresso ao campo, entrava nas vinhas e batatais e procurava rasgar os lençóis brancos que estavam a secar. Era vulgar, naquele tempo, haver roupa nos estendais que, muitas vezes, era rasgada pelos cornos dos toiros bravos que por ali passavam.

O campino de quem comecei por vos falar chamava-se Alfredo Abrantes. Homem baixo de rija têmpera e pernas de aço. Ficou a viver no campo muitos anos até quase ao final da sua vida. Resistindo a quedas de cavalos e colhidas de toiros, acabou por deixar este mundo em consequência de uma colhida provocada por... um automóvel.

A Casa Norberto terá extinguido a sua ganadaria, chamada de casta portuguesa, por volta dos finais da década de setenta. O Dr. José Norberto Pedroso adquiriu algum tempo depois uma ganadaria originária de Espanha. O “Picadinho”, assim baptizado pelo maioral José Canário, mas de nome próprio Paulo Correia, que pontifica hoje entre os melhores jovens campinos de que o Ribatejo se pode orgulhar - a quem um dia perguntei porque era campino e de quem obtive a resposta de não saber o porquê de tal decisão - foi convidado pelo ganadeiro da Chamusca para maioral da sua manada de casta espanhola. Ao tempo, ainda vivia no Mouchão da Cabra o velho Alfredo Abrantes, que contava ao jovem maioral da vacada, nos serões de Inverno, muitas histórias como esta de que vos vou dar conta: Os Infante da Câmara e os Norberto Pedroso têm afinidades familiares. Numa Primavera dos anos cinquenta do século passado, estava na Queima um curro

de Infante da Câmara, apartado para uma corrida. O ganadeiro Norberto Pedroso, de visita à manada com o seu primo Infante da Câmara, mirando bem o lote, achou que seria bom aproveitar a boa e farta erva da Herdade do Mouchão para que quando chegasse a altura da corrida o curro estivesse bem rematado. Foi fechado o acordo entre os dois ganadeiros e os toiros de Infante da Câmara foram para a herdade de Norberto Pedroso, onde se encontrava o Alfredo Abrantes. O patrão Norberto, cada vez que ia ao Mouchão da Cabra, fazia perguntas e mais perguntas acerca dos toiros, às quais o Alfredo satisfazia sempre com prontidão. Numa dessas vezes o maioral Alfredo deu, como habitualmente, as respostas a todas as perguntas, mas, na fluência da conversa, opinou ainda sobre a bravura dos toiros, afirmando:

- *“Oh patrão, os toiros do seu primo são todos mansos”*

Estupefacto, o patrão Norberto olhou para o Alfredo e perguntou:

- *“Como é que sabes isso, Alfredo?”*

Resposta do maioral:

- *“Olhe, porque eu, um a um, já os piquei todos!”*

O ganadeiro ficou estupefacto e um pouco mal-humorado. Perante o descontentamento do patrão, o maioral até pensou que ia ser despedido e ficou profundamente silencioso. Mas os seus receios não se confirmaram. Alfredo Abrantes serviu até ao fim da sua vida, e fê-lo durante meio século, a Casa Norberto Pedroso.

António Baixela

António da Conceição Paulino é o seu nome de baptismo. Nasceu em Vila Franca de Xira, no primeiro dia de Janeiro do ano de 1930. Todos o conhecemos por António Baixela.

O seu pai, o Joaquim Paulino (Baixela) foi maioral das vacas bravas da Casa Palha no início do século passado.

O António partilhou desde o berço os trabalhos do campo. Aos sete anos iniciou a sua vida de trabalho como ajuda do seu pai mantendo-se até aos doze, altura em que o pai faleceu, na Herdade da Adema.

- *“Tínhamos uma manada de duzentas vacas para guardar”*. Não se sentou nos bancos da escola. A sua aprendizagem alicerçou-se no dia-a-dia da vida e no ambiente campestre que o rodeava em que cresceu e se fez homem.

Aos doze anos apesar da morte do pai, fica como ajuda do António Barroca, de Benavente, e aí se deixou ficar até aos 25 anos de idade, mantendo-se na Casa Palha, por terras da Adema.

“O António Barroca era um grande “camarada” que gostava de ensinar tudo o que sabia. Tudo o que eu sei, (...) muito me foi ensinado por ele”. Após a saída da Casa Palha foi para a casa de José Nexas para maioral das vacas. Era o José Canário, nesse tempo, maioral dos toiros da mesma casa. - *“Passava o inverno na Serra de Ota e no verão vinha com o gado para a Lezíria de Vila Franca comer as restevas (...).”* - *“Mas naquele tempo o gado era guardado a cavalo. Tínhamos que ir avançando com o gado pela terra que ia ficando limpa dos rolheiros de trigo, mas tínhamos que guardar o gado de maneira a não o deixar ir para as cortes onde ainda existia pão para debulhar. Era uma vigia permanente.*



A maior parte do tempo sempre a cavalo. Só tirava as botas ao sábado quando vinha a casa aviar o alforge. O meu transporte era a minha montada, - o meu cavalo.” (...) *“Quando o grande matador de toiros Manuel dos Santos se tornou empresário tauromáquico e criou a sua própria ganadaria fui para maioral das vacas. O Luís*

Carranca era o maioral dos toiros. Eu tinha para guardar mais de duzentas vacas. Todos os fins-de-semana, e às vezes pela semana dentro, tínhamos corridas a recolher nas praças de toiros do meu patrão. Num mês de Agosto fizemos, eu e o Luís, duas semanas quase inteiras a recolher toiros. Saímos do Campo Pequeno a uma quinta-feira, fomos para Vila Real de Santo António, seguimos para Viana do Castelo, seguimos para Mogadouro, na quinta-feira voltámos ao Campo Pequeno, voltámos a Vila Real de Santo António, seguimos para Beja e voltámos ao Campo Pequeno. (...) Uma vez, numa corrida nocturna no Campo Pequeno com toiros Passanha a corrida começou às dez da noite e acabou às duas da manhã. Nunca tive um curro de toiros assim tão difícil de encabrestar. Mas eu adorava recolher toiros. Houve uma altura em que chamaram, a mim e ao Luís, a parilha maravilha” (...). - “O Luís Carranca é um grande campino do nosso tempo! Hoje já não pode nada. (...) E aquele nosso patrão tinha uma actividade nesta coisa da tauromaquia como não havia nenhum. Era um homem respeitado e muito respeitador. Um grande patrão. ... Era o Rei dos patrões!”

Depois de dezoito anos e após a morte de Manuel dos Santos, o seu filho não quis continuar a manter a ganadaria.

António Baixela é um verdadeiro Homem do campo, um verdadeiro campino da nossa era. Recorda na sua conversa o Maximiano, o Joaquim Tranca, o Joaquim Preceito, (...) e faz um parêntesis para dizer:

“E o sobrinho, o Janica, é um extraordinário campino nos dias de hoje. (...) E continua falando do Luís Carranca como um grande campino. E termina: “O Joaquim Preceito trabalhava comigo na praça quando o Luís Carranca não podia por qualquer razão. Esse

homem era muito competente. Era um homem forte mas estava em todo o lado onde era preciso estar”.

Depois de a Casa de Manuel dos Santos, ter acabado, António Baixela ingressa na Casa de José Pedrosa, no Roncão, na lezíria de Vila Franca. Desempenhou na Casa Pedrosa a função de maioral das vacas bravas. Seguiu-se-lhe a Casa Prudêncio de Almeirim. E, nesta Casa, foi, mais uma vez, maioral das vacas bravas. Aí permaneceu mais onze anos da sua vida de campino. O tempo da reforma chegou, mas, mesmo assim, o António Baixela não abandonou o campo. Hoje está ao serviço da Casa Agrícola da Malhada de Meias de Raul Mineiro. Continua ocupando o seu tempo junto do gado.

Encontramo-lo a viver na zona ribeirinha do Almansor, nas imediações da ponte do Porto Alto, (onde passou tantas vezes conduzindo gado da charneca para a lezíria e em sentido contrário), paredes meias com a lezíria e a charneca.

António Baixela é um símbolo dos campinos que marcaram um tempo próprio de uma vida entregue à paixão que os arrebatou na sua meninice e que o transportou aos dias de hoje. Um dos melhores entre os melhores da sua geração. Um grande maioral de vacas, um grande lidador, no campo ou nas praças de toiros, um grande campino. Aos oitenta e quatro anos, transmite-nos na clareza das palavras e no entusiasmo com que as profere, uma imagem de uma vida toda ela dedicada ao campo e ao gado. Continua a ser um verdadeiro homem do Ribatejo. Para ele vão os nossos respetos e a nossa admiração. Que Deus o conserve por muitos anos!

01 de Agosto de 2014

António Cordeiro Guilherme

Nasceu em São Vicente do Paúl no dia 29 de Dezembro de 1950.

O pai, António Guilherme, de saudosa memória, que partilhou com os campinos do seu tempo, durante muitos anos, a vida do campo ribatejano, encontrava-se ao serviço da Casa de Emílio Infante da Câmara, no Sobral do Porto Seixo, e por isso, a sua mulher, um mês após o nascimento do António, regressou ao Monte do Sobral trazendo-o consigo para junto da restante família. Os irmãos, o Júlio que tinha nessa altura três anos, o Joaquim que contava um ano e a Maria José que tinha cerca de dez, preenchiam o núcleo familiar. Usufruíam da liberdade e do ambiente campestre da charneca.

Passada a meninice, o António ingressou na Escola Primária, que frequentou tal como os seus irmãos, porque à irmã esperava-a o trabalho. Acabado o tempo da escola, o António experimentou o serviço de balcão numa conhecida taberna em Samora, a Ginjinha da Praça, onde se bebia uma saborosa ginja com elas, apreciada pelos frequentadores daquele espaço antigo (que hoje já não existe), gente do campo, valadores e singeleiros, eguariços e boieiros, maiorais e guardadores. Durou pouco tempo este emprego uma vez que o António o que queria era andar a cavalo. Três semanas foram suficientes para se decidir por uma recusa definitiva à vida da vila e começar a sua vida no campo.

“O que eu queria era andar a cavalo... estar junto do gado, ter uma vida de ar livre (...) queria lá agora estar ali fechado”... Aos treze anos começou a guardar as vacas malhadas, “as aracenas”,



assim chamadas devido à sua origem em terras de Aracena, na Andaluzia espanhola. Numa vida pacata de campo não deixou de sofrer alguns acidentes. Quedas de cavalos na altura do desbaste, foram muitas.

Mas o que marcou o António, quando ainda muito jovem, foi o que lhe aconteceu no dia 3 de Março de 1969: *“Tínhamos um garraio no curral. Naquele dia tirei-o do curral e levando-o à minha frente, encaminhava-o para junto da manada, quando de repente o vejo voltar-se para mim e começar a bater-me de uma tal maneira que eu desatei a gritar... e fi-lo de tal forma que no Monte, um rapaz que estava a substituir o meu irmão (que estava a cumprir serviço militar), foi dizer ao António Verdasca. Este estava a limpar as cocheiras e não ligando ao assunto disse-lhe: “Não te preocupes, ele está a falar ao gado”. O problema é que o garraio não me largava e eu aumentava a gritaria de tal maneira, que o António Verdasca se convenceu mesmo de que havia algo de estranho. Veio então a correr com a forquilha na mão para ver o que se passava. Espanto o dele ao ver-me a levar a tarefa do garraio que, mal o viu, deixou-me e correu para ele. O António Verdasca esperou-o com a forquilha, atingindo-lhe as narinas, o que afastou o animal definitivamente. No final da contenda o Verdasca perguntou-me: “Então António, como é que tu estás? Estás aleijado?” Eu desloquei-me uns metros para apanhar uma carteirita que me tinha caído da algibeira do colete e respondi: “Não tenho nada, só devo ter o braço partido. E tinha... Depois desta peripécia, digo sempre a toda a gente que o Verdasca me salvou a vida!”*

António Cordeiro Guilherme trabalhou cerca de cinquenta anos para a família Infante da Câmara, juntamente com o pai e o irmão Júlio. Do pai fala com veneração e respeito. O mesmo

repete também sobre os campinos com quem partilhou o campo ao longo da vida: o Verdasca, os Coloraus, o António Paulino (Baixela), o Duarte, o Zeferino Foguete, o Chico Foguete, o Manuel Tavares, o Gabriel, o António Alves e outros tantos com quem conviveu. O velho António Guilherme, os filhos, o Júlio e o António, e o António Verdasca, com outros campinos da Casa Infante, conduziam um jogo de cabrestos com a mestria que todos os companheiros lhe reconheciam, afirmando-se dos melhores entre os melhores.

Quando fala da condução do gado é comedido e calmo. E diz: *“Um olho no burro e outro no cigano são importantes para que as coisas corram bem. Cada situação é diferente da outra e um toiro que vai bem é deixá-lo ir. Se é teimoso não vai a bem, vai a mal. Mas antes de tudo há que ter paciência e destinar-lhe o caminho. Temos muitas vezes que lhe trocar as voltas, porque, se não vai por um lado, vai por outro. Picar numa rês é a última coisa que se deve fazer. Um toiro deve chegar à praça num estado completamente puro. Até porque o toiro é o mais belo animal do nosso planeta!”*

Sobre os campinos jovens de hoje o António tem uma opinião: *“Há jovens campinos bons... e alguns muito bons. Há jovens que são humildes e também há alguns que não ouvem ninguém e a quem não se pode dizer nada. Ser campino é uma arte e a arte que nasce com a gente também se pode aperfeiçoar. Se somos bons respeitamos isso, mas se aprendermos uns com os outros ainda seremos melhores. Sinto-me próximo do meu pai: gosto de ensinar o que sei. Os campinos não acabam já, mas serão cada vez menos. Há muitos homens e rapazes que se fardam nas festas mas não exercem a profissão!”*

Carlos Costa (Alexandre)

Em cada ano por ocasião das suas Festas em Honra de Nossa Senhora de Oliveira e Nossa Senhora de Guadalupe Samora Correia presta homenagem a um campino. Em 2007 é Carlos Costa que merece essa honra. Com oitenta e um anos de idade depois de ter dedicado toda a sua vida ao campo, desde criança, acompanhando o pai que também era campino. Vila Franca foi seu berço. Os primeiros passos na arte foram dados na Companhia das Lezírias, no Bernardo Pinhão, como ajuda de seu pai, o “Chico Boca-à-Banda”, extraordinário eguariço, bem conhecido na lezíria ou na charneca. Dos oitos descendentes do maioral Francisco só o Carlos, o Vladmiro e o Dionísio seguiram a arte do pai. O Carlos Costa tal como os seus dois irmãos acompanharam o pai na sua meninice. O Carlos esteve alguns anos como ajuda do pai. Depois, aos catorze anos, passou a ser maioral dos poldros da Companhia das Lezírias. Aí esteve até à idade dos vinte e seis. Passou de seguida para a casa de António Palha, por convite de Fernando Palha, filho daquele lavrador onde se manteve três anos. Após este período de tempo passa a ser responsável da vacada mansa da Casa de José Palha. Como maioral das vacas mansas permaneceu trinta e sete anos. Quarenta anos ligado à família Palha. Era comum, como hoje acontece, as casas agrícolas “emprestarem” os seus campinos para ajudar a mexer nas manadas. Um dia em que os criados da Adema, da Casa Carlos e Francisco (Gêmeos) Palha, andavam a mudar gado, o Carlos Costa foi, juntamente com outros criados de José Palha, ajudar a campinagem da Adema. Ao atravessar a estrada de Alcochete o cavalo escorregou no alcatrão cai e deslizou pelo chão ficando o



Carlos com a perna debaixo da montada. O cavalo foi-se embora e ele calmamente descalçou o botim de cabedal... concluiu que tinha a perna partida. Esperou algum tempo que viesse uma carrinha da Adema para o levar ao hospital. “*O sangue corria com uma força.... Parecia um regador*” - conta-nos.

O Carlos e a Adelaide recordam a sua juventude e o seu início de vida. A Adelaide, companheira inseparável nas jornadas de campo a que a vida obrigava, era também ela uma parte importante da vida a dois. Recordaram-se dos tempos que em Belmonte, por causa de uma doença ocasional do marido, era ela que “dava a volta aos poldros” montando a cavalo e ajudando-o para que não ficasse comprometida a tarefa do maioral seu marido. Recordaram-se da solidariedade que havia entre as pessoas na vila ou no campo, a inter-ajuda permanente reflectida na partilha de sentimentos e de bens materiais: - “*toda a gente repartia o pouco que tinha com*

aqueles que ainda tinham menos”. No ano do Ciclone e quando a Lezíria estava a encher (...): -“O Administrador da Companhia chega- se junto de mim e manda-me ir buscar o meu avô que já tinha algumas dificuldade em mexer-se, à ida já começava a ter água pela barriga do cavalo, consegui chegar à mota onde o meu avô estava”.

Montei o meu avô nas ancas do cavalo. Quando íamos a passar uma ponte de madeira a água levou a ponte. Eu, o meu avô e a montada caímos dentro da vala. Tive uma aflição grande porque deixei de ver o meu avô. Passados poucos minutos vejo-lhe os cabelos; deitei-lhe a mão aos cabelos e puxei-o para cima e conforme pude - hoje nem sei como fui capaz - saímos da vala. Tentámos caminhar conforme pudemos quase sem forças, o meu avô já dizia vai-te embora, salva-te tu!!! Mas eu nunca o deixei. O meu pai e os outros que viram que eu nunca mais aparecia meteram-se ao caminho pelo valado do Tejo até que nos avistaram. Conseguiram chegar ao pé da gente. O meu avô foi posto em cima de uma das montadas. Eu vinha conforme podia devagarinho agarrado à mão do meu pai para tentarmos chegar ao valado, o que conseguimos com muita dificuldade. E o Carlos continua a sua história de vida: -”Ainda no ano do ciclone estava no Arneiro das Figueiras com outros campinos. Não tínhamos comer e eu vim a Samora para vir buscar alguma comida. Quando saí da charneca fazia uma ventania medonha. Enquanto vim a Samora e voltei fez um vento tão forte que destruiu o barracão do Arneiro das Figueiras. O gado espalhou-se. Quando lá cheguei vejo tudo destruído e fiquei abismado. Comecei então a gritar e lá me apareceram o Manuel Silvestre e os outros que entretanto se tinham escondido a traz de uns troncos de pinheiros caídos para se abrigarem do vento forte.

Fomos tentar recolher o gado e vimos que nos faltava uma burra muito grande que estava junto com o gado cavalari. Procurámos por todo o lado até que às tantas fomos dar com a burra debaixo duma parte do telhado do barracão. Levantámos tudo e tirámos a burra que estava sem qualquer mazela.”

A Feira de Santarém de outros tempos, o Colete Encarnado, a Feira de Outubro de Vila Franca e a Festa de Samora entre muitas outras em que participou deixaram-lhes boas recordações. A Festa de Alcamé em plena Lezíria, em que esteve presente cada vez que ela se realizou, deixa-lhe a recordação dos tempos de jovem, em que ele se apresentava rigorosamente fardado de campino e a sua Adelaide de traje regional pois também ela contribuía para o sucesso da Festa como intérprete do folclore ribatejano. Em Samora participou nas entradas de toiros conduzindo o gado pelas ruas da vila. Um ano, “*ao chegar à Fonte há um toiro que sai dos cabrestos. Eu e o Carlos Custódio seguimos o toiro para o trazer para os cabrestos. Quando vínhamos de regresso ao voltar junto à Casa da Zulmira o meu cavalo caiu e eu parti uma perna. Salvou-me a Zulmira Romano que deitando-me a mão e puxando-me para dentro de casa evitou que o toiro que já vinha a chegar ao sítio onde eu tinha caído me desse uma cornada ou me matasse”.*

No centro de um pólo ganadero que se estende pelas lezírias das margens do Almansor, do Sorraia e do Tejo, Samora é, no seu encanto rural, um espaço de cultura, um lugar de tradição onde os campinos pontificam, dão vida e continuam a marcar indelevelmente os símbolos da etnografia da nossa Terra e do nosso Ribatejo.

28 de Julho de 2007

Custódio Rodrigues Migões

Esta é mais uma das histórias verdadeiras dos Homens que escrevem as páginas do livro aberto que é o Ribatejo.

Custódio Migões, natural do Granho onde nasceu a 9 de Junho de 1916 é o Homenageado deste ano nas Festas de Samora.

O seu primeiro trabalho foi aos seis anos, começando por ajudar a guardar o gado.

Aos vinte anos resolve «agarrar» a vida de campino altura em que na Casa Cadaval quase todos os dias se «mexia» no gado.

A sua mulher, D. Maria Luciana, sua companheira permanente ainda hoje recorda com ele esses tempos quando em 1936 casaram, já lá vão 56 anos.

- *“O que eu gostava mais era de lidar com o gado bravo...”*

- *“Aqui na Casa, o gado bravo era amansado para a charrua e outros trabalhos do campo...”*

- *“A nossa tralhoada tinha oitenta bois.”*

- *“Eram outros tempos... Hoje usam-se as máquinas...”*

Custódio Migões há 70 anos na Casa Cadaval mantém o apego e a veneração por aquela Família de que ainda hoje fala com respeito.

Verdadeiro apaixonado dos cavalos e dos toiros, recorda-nos a sua montada branca de nome “doirado” que ele baptizou de Serafim, por homenagem a um jogador de futebol da época, lembrando-o como o melhor cavalo que teve. Falou-nos do toiro “Airoso” que depois de corrido foi castrado e amansado, tornando-se o mais manso da tralhoada, e, por isso, foi escolhido para a “dianteira” do maioral.

Foi este dócil e bom animal que uma vez fez com que a manada



atravessasse o Tejo para o lado das Caneiras, amarrado atrás de um barco de um pescador... e que ele montou numa outra vez para atravessar o rio.

Estes e outros episódios constituíram a vida deste ribatejano.

A Custódio Migões vai Samora Correia prestar a devida Homenagem no dia 15 de Agosto de 1992, escrevendo-se assim mais um episódio da História do Ribatejo que Samora sempre dignifica.

Francisco Paulino

De entre os personagens que integram a Festa Brava, o campino ocupa (ou devia ocupar) um lugar de destaque, porque constitui uma particularidade na sua génese e tem (ou devia ter) uma importância extrema na contribuição efectiva para o êxito dos resultados que o ganadero deseja alcançar.

Hoje, partilho convosco alguns retalhos de mais uma vida de um desses ribatejanos a quem o futuro ditou um caminho, uma paixão e um entusiasmo que culminaram na entrega total à sua profissão, que é arte e sabedoria de experiências feitas, moldadas pela vida acre do campo e das dificuldades próprias do tempo em que nasceu e cresceu. O bisavô, o avô e o pai entregaram-se também à faina do campo e ao maneio do gado, assumindo com toda a plenitude ser e estar sempre ao serviço de uma vida, no respeito e na entrega ao trabalho, ajudando a escrever algumas das páginas da nossa história rural, que marca a tradição portuguesa das artes e ofícios.

Nasceu na vila de Samora Correia, a 1 de Abril de 1940. De tenra idade, aos sete anos, começou por acompanhar o pai, como seu ajuda, guardando os bois da tralhoada. O velho Anacácio Paulino era, ao tempo, um exímio tralhoeiro na Casa de Estêvão de Oliveira, no Condado de Pancas, na Herdade de Camarate. Como não se ganhava para sapatos, o jovem Francisco andava descalço. A roupa que trazia no corpo era remendada. As dificuldades eram muitas. Até aos nove anos acompanhou o pai com a atenção e o entusiasmo de quem não quer perder pitada da sabedoria que podia recolher dos mais velhos. Dos seus irmãos foi o único que seguiu este caminho... *“e agora, penso que, da*



família dos Paulinos, incluindo os meus primos, nesta arte sou o último!”

Continuou ligado à Casa de Estêvão de Oliveira até aos treze anos. Com a separação da Casa, o pai mudou-se para Vale Carneiro, ficando então ligado a um dos herdeiros, como abegão. O Francisco, a dada altura, ficou responsável pelos toiros... “*eu tratava dos toiros que, - ainda me lembro,- eram todos “jaboneros”. (...) eu e a minha mãe dávamos-lhes a ração e tínhamos uma amizade com eles como se fossem crianças... andávamos sempre à vontade... seguiam a gente a berrar, à espera de lhe pormos o comer...”*

Os patrões venderam a ganadaria... “*os outros trabalhos do campo também se reduziram muito, e nós tivemos que ir embora. Veio a tropa e fui para Angola.*” Regressado do então Ultramar Português, Francisco Paulino entrou na Casa Oliveiras, Irmãos como maioral das éguas; seguiu-se a Companhia das Lezírias como desbastador dos poldros; passou por um picadeiro em Caneças na mesma função, onde só esteve seis meses, (...) “*estava fora do meu ambiente e então decidi voltar a Samora. Como o meu pai estava na Casa do Senhor Conde Cabral, o Senhor Rafael Vilhais - pai do Rafael que lá está agora - mandou-me chamar e... aceitei um lugar na cocheira para montar os cavalos. Entretanto, o maioral das vacas saiu. Fui ter com o Senhor Rafael e pedi-lhe o lugar.*” E disse ao Senhor Conde, ao D. Jacinto: - “*Se o senhor não me deixa ir para as vacas então vou-me embora da Casa*”. O senhor Conde aceitou. “*Estive treze anos como maioral das vacas bravas. Tenho recordações desse tempo... eu tentava as garraias e os toiros. Trazíamos o gado bravo desde o pé do mar, para enjaular no Monte de Bate Orelhas. Campinava-se bastante e qualquer*

mudança de gado era acompanhada a cavalo. Tentei muita rês naquela Casa. Um belo dia apareceu o Mestre David Ribeiro Telles com cinco toiros para serem tentados. Estava apalavrado um picador para ir tentar aqueles toiros; só que eles eram grandes e pesados, e o picador, ao que parece, não esteve pelos ajustes... estava lá nesse dia o João Ribeiro Telles, que disse logo: - “Não há problema que o Paulino tenta os toiros”... e assim foi. O D. Eduardo Cabral veio ter comigo... - “Oh Paulino não te importas de tentar os toiros?” E claro, eu respondi: - “Não me importo, D. Eduardo ... é preciso é mandarem-me.” Apurámos três, dos quais dois ficaram para o senhor Conde e um voltou para o senhor David, os outros foram morrer...”.

O Francisco Paulino entretanto passou pelas marinhas de sal. A de Vasa Sacos ficou-lhe na mente. Mas mesmo aí não perdeu a ligação ao gado, pois as sessenta éguas que pertenciam à herdade ficaram sob a sua tutela. Por lá passou oito anos. A Casa de João Lopes Aleixo veio numa sequência natural e o Francisco deslocou-se para Coruche. O excesso de trabalho levou-o ao cansaço e teve que ser hospitalizado... “*tive quase a bater os engaços*” (...) “*mas o actor nunca morre...*”. A Casa Prudêncio ofereceu-me, depois de já estar recuperado, uma oportunidade e convidou-me para a ir para a Herdade dos Caniçais. Estive lá pouco tempo porque o Eng. Rosa Rodrigues andava a pedir-me para eu aceitar o lugar de maioral das vacas bravas, o que me levou a mudar mais uma vez de patrão. Pedi desculpa ao patrão João (Lopes Aleixo) e saí. Fui para Vale Carneiro. Voltei para as terras da minha meninice, (...) mas... passado pouco tempo começaram a aparecer dificuldades e vim-me embora. Falei com o senhor Professor Potes, que era administrador da Companhia das Lezírias... (...) a única pergunta que me fez foi se

eu era capaz de lidar com vacas.

Passei lá vinte anos. Saí no fim de Abril de 2005.

De rija têmpera, o Francisco Paulino regista na sua história de vida algumas notas particulares.

- “Na Casa do Senhor Conde Cabral andávamos a tirar os toiros das vacas, ...o cavalo em vez de saltar a vala meteu as mãos lá dentro, deu uma cambalhota, fui de rojo, bati com a cabeça nem sei onde, perdi a orientação e, ainda meio tonto, levantei-me e comecei a andar para a banda do toiro; então os outros campinos tiraram o toiro do meu caminho (...) a seguir caí para o chão e tive um desmaio. Fui para o hospital, fui observado, mas estava tudo bem. Outra vez estava a pôr um brinco num bezerro que começou a berrar... e a vaca arrancou comigo (...) não tive outro remédio senão fugir... a única solução foi pegá-la de costas. E depois para sair da cabeça dela aproveitei quando ela saltou uma vala: - Larguei-a e deixei-me cair dentro da vala aberta. Fiquei com o colete rasgado e o corpo cheio de nódoas negras”. Ainda (...) “Há cerca de dez anos estávamos em Braço de Prata, havia lá uma festa da Companhia, e quando aquilo acabou fomos ver os toiros da Adema a passar de um lado para o outro da estrada de Alcochete. Um dos toiros voltou para trás. Os cabrestos estavam de um lado e o toiro do outro. Era preciso abrir o portão para os cabrestos passarem para o pé do toiro. Bem (pensei eu) vou lá abrir o portão! Assim que o toiro me viu!... oh abre!!!... que ele aí vem ... arrancou comigo mas eu tinha os sapatos finos calçados - os sapatos da farda - escorregaram-me os pés... o toiro apanhou-me, levei uma tarefa, quase que me arrancou a orelha esquerda, esfarrapou-me e fiquei como morto. Não me matou porque não calhou. Quando os bombeiros me agarraram ouvi alguém dizer - este já cá não volta...

se voltar é dentro do caixão. Estive meses até recuperar. Para mim o gado bravo é tudo... antes quero morrer na cabeça de um toiro que doutro acidente qualquer!”

“Ainda estava na Companhia das Lezírias tive um outro acidente: eu e um rapaz íamos atrás de um bezerro para o agarrar, o meu cavalo caiu comigo, deu uma cambalhota, fiquei debaixo dele, só consegui de lá sair com grande esforço. Acabei por ter que ser operado. E agora já não posso montar muitas horas seguidas...”

Actualmente é maioral da ganadaria do Eng. Jorge de Carvalho.

Conhece todas as praças de toiros do país e em quase todas recolheu corridas. Participou na inauguração da praça de Cascais na recolha dos toiros juntamente com o António Afonso, com o jogo de cabrestos da Casa Conde de Cabral. Considera-se um campino à moda antiga e o gado bravo é a sua paixão.

21 de Julho de 2008

João da Salsa

...a melhor vara e o melhor calção do Ribatejo

Já lá vão mais de noventa anos que deixou de fazer parte dos vivos essa grande figura ribatejana que “reinou” nos campos e nas charnecas do Ribatejo. Natural de Samora esta figura de campino, da Charneca à Lezíria, foi honra e orgulho para todos. De 1937¹ observei um registo escrito assinado com as iniciais E.S. (presumo tratar-se de Edmundo Soeiro, lavrador Samorense e Presidente da Câmara do Concelho de Benavente) que afirmava o seguinte sobre João da Salsa: *“acostumado ao mando² e à vastidão das lezírias o rosto era severo e o olhar penetrante. Modesto, mas consciente do seu valor, como a maioria dos campinos. Embora houvesse morrido há uns vinte anos ainda hoje se lembram as suas façanhas e se afirma que nunca atravessou a lezíria ribatejana um campino tão completo”*.

Podemos afirmar ainda hoje que, passados mais de noventa anos, se relembra o seu nome. Dizem-me alguns dos que ouviram dos seus ascendentes e companheiros de faina dissertações sobre pedaços da sua vida que o campino Salsa era um homem de coragem, a que juntava uma força física incomensurável dos seus músculos quando aguentava o impulso do toiro ao dar a varada e simultaneamente apertava as pernas aconchegando-as à sela e à montada para a suster ou a “empurrar”³. Altivo mas orgulhoso, João da Salsa pontuava em todo o campo ribatejano. Sobre ele choviam críticas e invejas. Porém era na faina do dia a dia que

mostrava a sua destreza, valentia e saber. No escrito que referi antes conta-se uma das histórias de que João da Salsa foi protagonista: “Um dia por vésperas da Feira de Samora estava anunciada uma grande corrida com toiros cedidos por vários ganadeiros da região. A Casa Lapa, dirigida pelo Senhor Lapa, conhecido ganadeiro Salvaterrense, tinha na manada um toiro já preparado para estas cedências mas de cujo animal se contavam várias histórias. Uma delas era que nenhum campino conseguia fazê-lo entrar num redondel. É claro que com esta fama ninguém aceitava o toiro. Atrapalhada a comissão organizadora ficou desolada pela oferta do ganadeiro e porque lhe faltava ainda um toiro foi lamuriar-se junto do campino Salsa, maior real da Companhia das Lezírias, que era uma autoridade no maneo de gado. Ouvida a queixa e a necessidade tiveram de João da Salsa uma colaboração positiva e uma recomendação: *“Vejam se os campinos da Casa Lapa trazem o toiro até o mais perto possível da praça. Eu tentarei fazê-lo entrar”*. O toiro, o número 40, devidamente encabrestado e conduzido pelos campinos do lavrador Lapa, chegou até bem próximo da praça, mas não se sabe bem porquê, chegado aí, começou a investir contra tudo e contra todos, apostando na fuga mais uma vez. O Salsa, mal ele saiu dos cabrestos, cravou-lhe na espádua a “choupa”⁴, escolhida para o momento, segurando com toda a firmeza a vara. O toiro reagiu ferozmente levantando a cabeça, elevando as mãos, dando levadas, mas não conseguiu vencer a força de braços do campino, cujas pernas se tornaram elásticas e os seus músculos rijos como o aço, mantendo a vara firme, a

1 1937 - 20 Anos após a sua morte (João da Salsa faleceu em 1971)

2 Este campino foi maior-real da Companhia das Lezírias

3 Acção de comando com as pernas para levar a montada onde se deseja

4 Parte extrema superior da vara de campinar onde se encastra a ponteira e enrosca o bico que pode ter vários tamanhos e feitios em função da rez que se pretende dominar

qual rangia entre as duas forças opostas de que o cavaleiro era dominador. O toiro às levadas, impotente foi dominado até à porta da praça. Quanto mais o toiro tentava voltar a cabeça, mais o campino o submetia e contrariava, de tal modo que a rês entrou no redondel impelido pelo pulso valente do maioral. No final João da Salsa, num rasgo de orgulho, grita ao abegão do Lapa, (enquanto limpava o suor que lhe caía em bica do rosto com o seu lenço vermelho de ramagem): “.. O 40 já lá tá dentro. Diga ao sê patrão que se lá tiver o 80 que o mande que também na fica cá fora”.

Um belo dia, no campo, um toiro, cheio de crença em “pastagem gulosa” apesar dos esforços não havia campino que o tirasse do seu lugar preferido. Depois de tanto acosso o toiro refugiou-se dentro de uma poisada. Extenuados, cavalos e campinos, resolvem fazer tréguas. Passadas muitas horas, aqueles campinos, que ao que soubemos eram dos melhores da região, (mas que por ética não refiro neste escrito) descansavam junto à poisada. Chegou o Salsa. Informou-se do que se estava a passar e, sabendo que alguns deles lhe cortavam na casaca, mostrou-se muito admirado por aquela campinagem não ter tirado o toiro lá de dentro. Obteve como resposta: “Vá lá você se é capaz!” Exclamou um deles. Ao que o Salsa respondeu: “...É p’ra já!” Então tira a cinta, amarra-a na ponta da vara, deita-se sobre o aparelho e coloca a montada de recuo entrando no barracão. O toiro também foi recuando para num instante avançar para o cavaleiro investindo forte. João da Salsa cravou certa a vara, metendo o bico com força, provocando um rugido no bovino que perseguiu o cavalo e cavaleiro. Num ápice, o toiro, ficou fora da poisada, sempre sustido na vara, acabando por se refugiar nos



cabrestos, deixando-se levar para onde os campinos desejavam.

Em dada ocasião, um toiro do lavrador e ganadero de Pancas Estêvão Augusto, (agricultor que era muito admirado pela sua arte de montar e também considerado uma das grandes varas do Ribatejo), não queria sair das vacas da Companhia das Lezírias para onde fugira. O lavrador combinou com o campino uma data para se juntarem a fim de darem uma lição ao toiro e tirá-lo definitivamente da vacada alheia. Montaram a cavalo e dirigiram-se ao local da pastagem das vacas para trazer o toiro do ganadero de Pancas. Ao fim de muito trabalho, cansada e muita arte consegue tirar o toiro das vacas. Bravo o toiro investia sempre. Chegados a Pancas e depois de uma luta renhida entre

os três contundentes, varada após varada, o que um fazia logo o outro repetia. Dão descanso ao toiro. O campino e o lavrador já haviam empregue todas as formas possíveis de campinar. De súbito o Salsa traça a perna por cima do cepo do aparelho, como uma amazona, desafia o toiro, que continuou a investir codicioso. Dominando a lide sentado no arreo de campinar, sem qualquer desequilíbrio, o Salsa ouviu a confissão de vencido do lavrador campero.

O lavrador de Pancas não gostava muito de picar nos toiros e só o fazia em última necessidade. Chegado um dia junto da sua manada fica irritado por ver um toiro ensanguentado como se tivesse sofrido a intervenção de vários “puyazos” e disposto a despedir o maioral perguntou-lhe quem tinha feito tal obra. Retorquiu-lhe o criado exclamando: -...*“Essa obra é do Salsa!”* Mordendo o beíço, cabisbaixo, o lavrador respondeu: *“Está bem. Esse sabe. É o único que, em toiros meus, pode picar por onde quiser”*. Muitas proezas se poderiam contar de João da Salsa que foi maioral-real da Companhia das Lezírias e contribuiu decisivamente para a fundação da sua ganadaria brava. Esguio e direito como uma vara de campinar, modesto, valoroso, altivo: o melhor campino de que há memória.

21 de Julho de 2008

João Preceito

Corria o ano de mil novecentos e quarenta e sete. Nas Figueiras, perto de Coruche, no dia vinte e quatro de Junho, veio à luz do dia um rapaz a quem o pai, Joaquim Inácio, e a mãe, Ludovina de Almeida, puseram o nome de João de Almeida Inácio, que se veio juntar aos seus irmãos, a Maria da Graça e o Joaquim, este já falecido, que também foi campino. É desta criança, actualmente com sessenta e dois anos, de quem hoje falamos.

Como todos os meninos nascidos no campo, o João seguiu as pisadas do pai. Aos sete anos começou a sua faina. Foi no tempo em que o pai era criado da Casa Agrícola Prudêncio da Silva Santos, dirigida pelo Senhor Teodoro dos Santos, que o João começou a ajudá-lo, na Corte dos Cavalos, em Azambuja. Aos onze anos rumou ao Alentejo onde, nas redondezas de Serpa, o pai serviu como maioral da ganadaria brava de Cabral Ascensão. Começa aí o despertar da paixão pelo campo e pela arte de campinar. Tinha dezassete anos quando o seu pai se radicou na Baracha, como campino da Casa Oliveiras. O João continuou a acompanhá-lo na faina do campo. Veio o tempo da incorporação no exército durante o qual também manteve a relação com os cavalos, dado que serviu a arma de Cavalaria. Após a tropa, a paixão que manteve pelo campo e pelo gado fizeram-no regressar ao seio da campinagem, passando a servir a Casa do Senhor Duque de Palmela, acompanhando a ganadaria quando esta foi adquirida pela Companhia das Lezírias. A vacada foi mais tarde vendida a José Luís Pereira Dias e o João Inácio acabou por deixar a Companhia das Lezírias. Nutrindo sempre uma particular paixão pelos cavalos, encontrou trabalho num picadeiro donde,



passado pouco tempo, voltou à Casa Oliveiras Irmãos, regressando assim à Herdade da Baracha. Contaram-se vinte e oito anos até à sua despedida daquela centenária Casa Agrícola. Reformou-se por invalidez.

Do risco que enfrentou na arte que escolheu para a vida, marcam-lhe o corpo as cornadas e as quedas que sofreu. A de uma vaca na praça de tentas da Baracha, (... *“leve uma vez uma*

cornada de uma vaca que me furou a perna de um lado ao outro. O corno entrou entre o perónio e a tibia”), de um toiro na Herdade da Adema; das quedas que sofreu em pleno campo, na lezíria de Vila Franca, no Juncal... “Na Lezíria de Vila Franca, estava então na Companhia da Lezírias, montava uma égua cruzada com três quartos de sangue inglês, caímos os dois, eu e a égua, fiquei com um pé agarrado ao estribo, a égua fugiu levando-me mais de quatrocentos metros pendurado pelo pé”. Partiu o maxilar em dois lados, partiu dez dentes, abriu-se-lhe a cabeça, foi parar ao Hospital de Vila Franca e de lá seguiu de emergência para o Hospital de São José, em Lisboa. “Dessa escapei, ainda cá estou”. E continua as suas estórias de vida: “Numa espera de toiros em Azambuja, junto às curraletas, o toiro parou. Como felizmente andei sempre em bons cavalos, o que montava nesse dia aguentou para eu chamar o toiro para mim, o Joaquim Luís ou o Joaquim Carlos, não consigo precisar qual foi o primeiro, passaram por detrás do toiro. Eu contei com um homem que estava ali com um guarda-chuva, para distrair o toiro... mas como isso não resultou o toiro atirou-se a mim. Encostei o cavalo à parede. Com o meu impulso e o do cavalo e com ajuda da parede a vara entrou pelo toiro dentro, que caiu morto de patas arriba... saí eu bem e o cavalo também. Fiquei com um hematoma no calcanhar e o cavalo teve apenas um risco no pescoço provocado por um pitón do toiro. Esse cavalo ainda esteve comigo muitos anos. Morreu recentemente, era o “Caminheiro”, conhecido pelo “Pintas”... A colhida na Adema, é-nos contada assim: “... andávamos atirar sangue às vacas da Casa Palha. De repente apareceu-nos um toiro, um dos sementais da vacada com ferro “Baltasar Ibán”. Assim que nos viu, o toiro arrancou comigo e deu-me uma tarefa que chegava para um rancho de gente... e eu

levei-a sozinho. Parecia um comboio de mercadorias a passar por cima de mim... e nunca mais passava a última carruagem. Quem me salvou foi o Joaquim Carlos. Lembro-me dele dizer num grito seco: “tá queto João! Eu tinha a boca cheia de terra, estava todo partido e tentava respirar... essa ficou-me bem gravada. A minha sorte foi o nosso amigo Joaquim Carlos”.

Passados que foram dezassete dias deste acontecimento o João teve a maior colhida da sua vida. O coração apertou-se-lhe e o físico rendeu-se. Durante três anos sofreu no corpo e na alma o revés de um mal que o fustigou, mas que foi vencendo, montando o cavalo da vida, galopando o tempo, dobrando-se a sesgo no sopé da sorte para contornar a investida do sofrimento, de largo, com fé, esperança e muita confiança no futuro. A nossa conversa terminou com a expressão do reconhecimento. “Não posso deixar de agradecer a minha recuperação à mulher que tenho, aos meus filhos e todos os amigos que tenho feito ao longo da vida.” A Preciosa é a preciosa companheira. E os três filhos que lhe seguiram os passos: o José Carlos, que continua ligado a vida do campo, o Luís Miguel que o acompanhou na sua juventude, dedicando-se mais tarde à agricultura e o João António (Janica) que é uma das jovens figuras da campo ribatejano nos dias de hoje.

No corpo assentam-lhe as marcas da vida, mas o João continua a fazer o que gosta, mantendo a sua relação com os cavalos. O “Nato”, sua montada actual, acompanha-o nas Festas. E com a parelha que engata no seu breque para transporte de noivos, vai auferindo alguns proveitos para fazer face às dificuldades da vida. “Se a Divina Providência o permitir, enquanto houver dinheiro para o pão, haverá com certeza também para o feno!”

Joaquim Preceito

O seu nome é Joaquim Inácio mas todos o conhecem por Joaquim “Preceito”. Natural de Paraíso foi baptizado em Vila Franca de Xira, que adoptou como terra mãe. Dedicado durante 51 anos à vida do campo serviu nas mais diversas casas Agrícolas do Ribatejo e Alentejo. Aos 13 anos foi anoeiro. Aos 17 anos foi “contra-maioral” na Casa Canas.

No início da vida de campino ocupou-se de gado manso. Conduziu “tralhoadas” pela Lezíria, em tempo de carreira de cereais ou de alqueives ou na altura das sementeiras guardou gado quando as vedações ainda não existiam como hoje. A cavalo ou a pé, de inverno ou de verão, tendo por companhia a manta e o cavalo, guardou durante anos manadas de gado. Entre outras Casas Agrícolas foi criado de Inácio Reis, Casa Canas, Cabral de Ascensão, Prudêncio da Silva Santos, Duque de Palmela, Marquês de Rio Maior, Companhia das Lezírias (alguns meses), Oliveira Irmãos. Sendo a vida de campino, no seu tempo, mais difícil e menos confortável, recorda nos seus 74 anos de vida a imagem de uma juventude garbosa e altiva. Hoje há menos campinos embora a vida seja mais fácil apesar de repartida por múltiplas tarefas.

Joaquim “Preceito” é mais um caso daqueles a que as nossas memórias vão permanecer ligadas porque é a imagem da figura que o Ribatejo não poderá esquecer. Nas Festas em Honra de Nossa Senhora de Oliveira e Nossa Senhora de Guadalupe, no ano de 1984, Joaquim Inácio “Preceito” é o Homem que vai merecer a Homenagem de todos quantos vão unir-se num aplauso unísono em comunhão com a Comissão de Festas.

Que o Ribatejo o conserve por muitos anos ao nosso lado.



José Canário

Nasceu na Lezíria de Vila Franca a 7 de Abril, na Mota da Rabicha, em 1922. O pai trabalhava então na arte que ele mais tarde abraçou. Sendo o pai do nosso homenageado, na altura em que o pequeno José Canário nasceu, “pastor” dos bois de trabalho da Casa de Carlos Gonçalves, era inevitável que, ao abrir os olhos para o mundo, José Canário não seguisse os passos que a vida do pai lhe traçara desde logo. Começou com 5 anos na vida do campo como ajuda do pai. Era então maioral Real da Casa Caldas o Velho Custódio que lhe aguçava o apetite, “tirando-lhe” da memória todos os nomes dos bois das dianteiras do “moiral” e do “escontramoiral” que o pequeno Zé sabia de cor e salteado. Já nessa altura estava a manifestar-se um verdadeiro maioral de gado.

Recorda desse tempo o convívio com a campinagem mais velha à volta da bela açorda de saboroso sável do Tejo, comido na mota da “Malveira”.

A escola veio a seguir mas por pouco tempo porque as sezões, doença da época, evitaram-lhe o estudo. Mas quando o pai lhe voltou a indicar o caminho da escola, o pequeno Zé desfez-se em lágrimas. A escola ficou arrumada. O campo abriu-se-lhe para o futuro. Duas semanas depois de não querer ir para a escola, foi ser rapaz da grade “atraz” do “Manel Cebola”. A partir daí nunca mais parou. Da grade foi para a monda, para a ceifa, para todas as profissões do campo. “Sentindo na pele” o bom e o mau que a vida lhe dava, foi ganhando o gosto e disfrutando o prazer de ser um Ribatejano que gosta do campo e em especial do gado. Foi para a companhia de Mário Sardão que lhe ensinou a fazer o que comer e a viver fora do pai e da mãe.

O João Carochó, maioral dos bois de António de Sousa, já velhote, teve de abandonar o lugar, sucedendo-lhe o pai do



Zé Canário. O pequeno Zé acompanhou-o.

Aos cerca de 9 anos deixa de novo o pai e vai para anoeiro das éguas da Casa Júlio Borba. Na Casa Borba ainda, acompanha com o Joaquim Bernardino, um dos melhores tralhoeiros da época, com quem aprendeu a difícil arte da amansia, do alqueive, da carreia, etc... Depois de uma saída fortuita, pela Casa de José Nechas, voltou à Casa Borba desta vez para maioral dos bois da tralhoada. Quatro a cinco anos volvidos regressou à Casa Nechas para maioral dos toiros onde esteve cerca de 9 anos. A casa Nechas acabou

com a ganadaria e o José Tavares convida-o para a Casa Coimbra onde ficou durante 28 anos como maioral dos toiros, no Mouchão da Cabra e no Recóco na Lezíria de Vila Franca e por fim em Azambuja. Seguiram-se-lhe várias Casas como Camarate, Ernesto de Castro, Quinta da Foz e João Vilaverde.

Hoje fica-lhe a recordação e a saudade desses tempos vividos com paixão. O toiro, o campo e o seu Ribatejo estão indelévelmente marcados no seu corpo e no seu espírito quer através de uma conversa sobre o toiro, quer na forma como com orgulho enverga o fato de campo ou a farda de festa. É uma figura, entre todas as figuras raras, de que nós Ribatejanos nos orgulhamos de possuir.

Que continue ainda por muitos bons anos ao nosso lado.
Deus o conserve!!!

José Carlos Semeador (José Moleiro)

...“*Ser campino até morrer*”

Homenagem no Largo 25 de Abril - Sábado, 20 de Agosto, às 17 horas.

José Carlos Semeador, é o seu nome de baptismo mas todos o conhecem por José Moleiro. Nasceu em Benavente a 4 de Setembro de 1933.

Desde muito cedo começou a trabalhar. Não frequentou a escola, porque a família que era numerosa obrigou a que muito cedo o pequeno José se “agarrasse ao trabalho” (palavras suas) para ajudar a criar os irmãos. Aos sete anos de idade guardava as éguas do Senhor Sete Saias. Aos 11 anos foi para a Casa de Rafael Calado para ajuda do maioral dos toiros, na Herdade do Monte da Saúde. Um belo dia pensou colocar-se, escondido, junto à comporta onde os toiros passavam com a intenção de poder dar uma choupada¹ no primeiro toiro que ali passasse. Era, pensava ele, a altura para começar a ser campino a sério, pois tinha a oportunidade de dar umas boas varadas, (...)... só que ao meter a vara ao primeiro toiro que lhe apareceu fê-lo com tanto entusiasmo que acabou por cair de costas dentro da vala com o impulso provocado pelo corpo do corpulento animal. O toiro fugiu, seguiu o seu caminho, desprezando a insignificante figura do pequeno campino.

Foi a primeira varada e a primeira peripécia mal sucedida.

Passado algum tempo foi para a Herdade da Foz para a monda do arroz, tirar as ervas daninhas que as mulheres iam deixando atrás de si, depois de arrancadas do meio dos “pés” das plantas do

¹ O mesmo que varada



arroz. Foi trabalhador rural na Herdade da Foz até à idade de ir cumprir o serviço militar. Terminado o tempo da tropa regressou à Foz para trabalhar à jorna, passando depois a cocheiro, onde permaneceu durante sete anos, após o que saiu para a Casa do Sr. Conde da Ribeira Grande como maioral das vacas, durante dois anos.

Mas o facto de querer estar paredes-meias com a terra que o viu nascer - Benavente - voltou à Quinta da Foz desta vez para maioral do gado bravo - dos toiros e das vacas - ficando por fim apenas como maioral dos toiros.

Um belo dia, já lá vão cerca de vinte anos, a pedido do Grupo de Forcados Amadores do Ribatejo, teve uma grave colhida. Sobre esses factos explica-nos: - *“Escolhi e apartei uma vaca rija, brava, que “batia” e que por isso era uma boa rês para o treino dos forcados, a Valença, assim chamada, por ter ido muitas vezes ao Centro Equestre da Lezíria Grande do Sr. Luís Valença.*

Os forcados treinaram, não tendo acontecido nada, mas quando foi para recolher a vaca para os currais juntamente com o Mário Oliveira (o Café) a vaca correu para mim e deu-me uma grande tareia. (...) Desta colhida fiquei acidentado e acabei por perder uma vista apesar de ter feito cinco operações seguidas. ”

No dia em que completava os 30 anos de casa na Sociedade Agrícola Quinta da Foz o coração avisou-me e fui obrigado a abandonar a vida activa. ”

Percorreu o país, de norte a sul pelas Praças de Toiros, - *“recolhendo as corridas da Casa e de outras Ganadarias”*. E deslocou-se várias vezes a França, acompanhando *“corridas”* da Sociedade Agrícola da Quinta da Foz.

José Carlos Semeador, o nosso Zé Moleiro, que se afirma ser campino até morrer, no trajar e no saber, quase a completar os setenta e oito anos, é ainda hoje um dos dignos representantes de uma profissão, de uma arte, que teima em resistir à força da modernidade e do afronto daqueles que não compreendem ainda a razão de existir de uma cultura tradicional portuguesa, a Festa Brava, de que o campino, é o primeiro interveniente e cúmplice na criação do toiro de lide o qual é o princípio e o fim da tauromaquia, o elemento principal da Festa.

Agosto de 2011

José Pavia

Nasceu aos 9 dias do mês Abril de 1931 no Concelho de Salvaterra de Magos.

A vida dos campinos, começava para todos os rapazes do seu tempo que escolheram esta arte. nos primeiros anos da vida. O pequeno José começou também muito cedo, aos sete anos de idade. O seu primeiro lugar foi a guardar éguas na Casa Rafael Gonçalves de Salvaterra de Magos.

O Pai, responsável pelos bois de trabalho da casa, acompanhou-o nesses primeiros tempos. Alguns anos depois deixou a Casa Rafael Gonçalves e foi para a Casa de Alberto Cunhal Patrício. Desempenhou aí o lugar de ganhão (trabalhando com o gado na execução das diversas artes da lavoura).

Veio o tempo da tropa mas ao regressar do cumprimento do dever militar voltou a casa de Cunhal Patrício, onde ocupou o lugar de maioral das éguas.

Aos 38 anos de idade, porque a Casa Cunhal Patrício pagava pouco (32 escudos por dia, a casa e a horta), José Pavia tentou outros rumos e outro trabalho.

Veio para a Lezíria de Vila Franca, como maioral das éguas da Casa Duque de Palmela, onde esteve durante sete anos.

A Companhia das Lezírias absorveu a Casa Duque de Palmela e José Pavia teve de acompanhar a eguada passando a ser campino da Companhia das Lezírias.

José Pavia recorda-se de então ter passado pelas mais diversas peripécias, quando da transferência da vacada de Duque de Palmela para Belmonte, terras da Senhora Companhia, onde acabou por ficar.



Sentia por essa manada um apego como se o gado fosse seu.

A Companhia das Lezírias não encarou bem a existência de uma ganadaria brava na Casa e acabou por vendê-la, vacas e toiros bravos, ao fim de quatro anos ao Sr. José Dias de Salvaterra de Magos.

O Sr. Dr. Saavedra, que Pavia considerou sempre uma excelente pessoa, e um grande amigo disse-lhe então que a Companhia das Lezírias vendia as vacas bravas mas ele (José Pavia) iria guardar as vacas pretas.

Manteve-se vinte e dois anos na Companhia das Lezírias até à reforma que aconteceu no dia 22 de Maio de 1996.

As recordações da vida lembram-lhe o sofrimento a que os tempos de outrora o obrigaram. As cheias da Lezíria, a retirada do gado para a Charneca, entre outras responsabilidades a que a profissão de campino obrigam.

A camaradagem entre a campinagem nos tempos de então, nas horas de aflição, venceu a memória deste homem simples na conversa e na postura.

O filho, seu único descendente, não quis seguir a sua arte mas seguiu outros caminhos, escolheu outra vida.

Da sua arte, o gado bravo foi e é a sua paixão. Com as montadas que teve, que afirma terem sido sempre boas, nunca teve problemas na lide do gado.

Recorda-se do toiro nº 1 da casta portuguesa Vaz Monteiro a quem reservava uma gamela de ração todos os dias de manhã e do seu cão que era o seu protector, -*“Um cão extraordinário que me livrou de uma colhida no campo, na Lezíria de Vila Franca, de um toiro de Manuel dos Santos que arrancou com o meu cavalo e foi o meu cão que me salvou: atirou-se-lhe ao focinho e fazendo*

atrasar o andamento do toiro e livrar o cavalo da colhida quase certa resolveu aquele problema que podia ter sido uma colhida”.

Homenagear um campino é fazer justiça aos homens ribatejanos que escolheram uma forma de vida apaixonada pela arte de lidar com o gado, conquistando passo a passo um futuro diferente, uma vida de aprendizagem e ensino permanentes de forma recíproca, para garantir o futuro desta profissão que devemos admirar pelas particularidades que contém e tudo fazer para que se mantenha para sempre.

Na opinião de José Pavia a campinagem nunca acabará : -*“As coisas” mudam mas os campinos não-de existir sempre”.*

Assim seja!

Samora é uma terra de campinos e por isso aqui queremos marcar indelévelmente com a nossa Homenagem, uma figura que é nossa enraizada nas nossas gentes, perpetuando-a para a história do nosso Ribatejo.

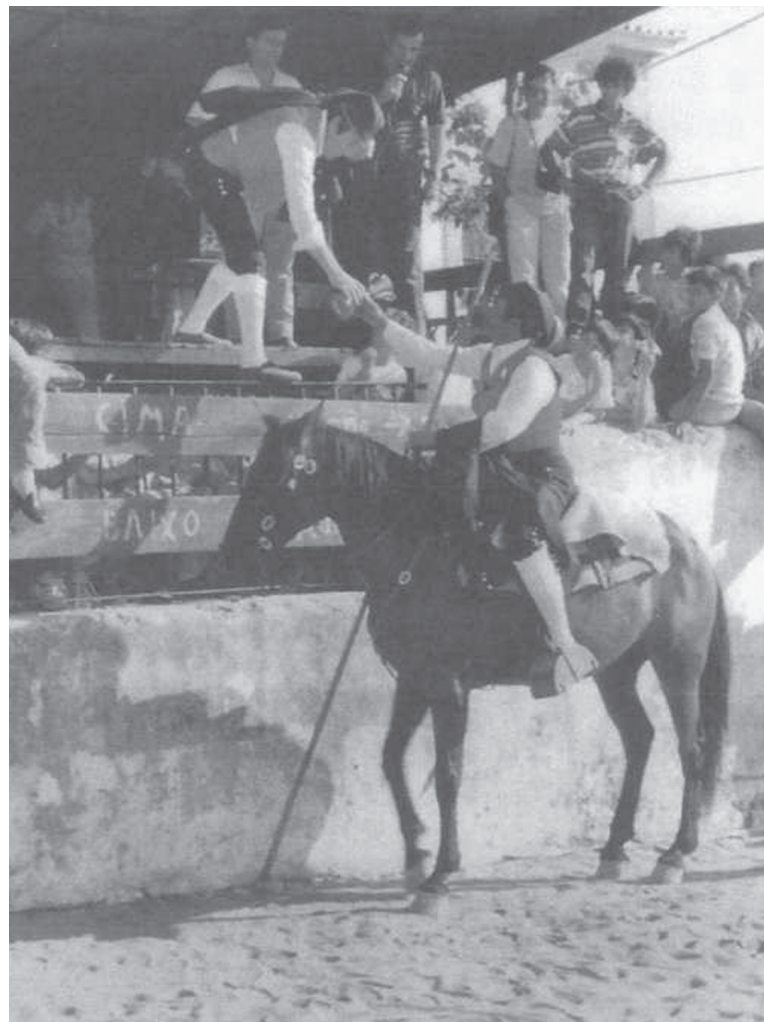
09 de Julho de 2000

Maximiano de Jesus Moreira

Nasceu na então Vila de Samora Correia aos dezanove dias do mês de julho do ano de 1936.

Aos oito anos de idade iniciou a sua vida de trabalho no campo. Durante cerca de quarenta anos permaneceu na Casa do lavrador alhandrense Manuel César Rodrigues. O pai, Joaquim Bernardino, foi sempre campino, como tralhoeiro, primeiro na Casa de Oliveira Irmãos, depois na Casa de Norberto Pedroso e terminou na Casa de Júlio Borba primeiro como tralhoeiro tendo à sua responsabilidade uma manada de cento e vinte bois de trabalho e depois como guarda de uma herdade, onde terminou a sua vida. O Maximiano quando tinha oito anos era anojeiro dos bois de Júlio Borba, acompanhando o pai até aos catorze anos, altura em que foi trabalhar à jorna, nos alqueives a tocar os bois das charruas, carrear trigo e desempenhando quase todas as artes do campo.

Alguns anos depois deixou a Casa de Júlio Borba e foi para maioral das vacas bravas da Casa de Moreira Rato onde começou a ter algumas luzes sobre o maneio do gado bravo. Na Casa de Moreira Rato esteve apenas um ano. Regressou à Casa de Júlio Borba para trabalhar no campo, seguindo-se-lhe a Companhia das Lezírias até chegar a altura de ingressar no serviço militar. Regressado do exército voltou à Casa de Júlio Borba como “escontra-maioral” dos bois de trabalho. O pai já não era pastor dos bois nessa altura e estava como guarda no Carvoeiro. Entretanto a Casa de Júlio Borba acabou com os bois de trabalho e pediram-lhe que ficasse com os garraios mansos. Nessa altura a Casa de Júlio Borba ainda não tinha gado bravo.



Nas circunstâncias de então acabou por ir trabalhar à jorna para a Casa de Jorge Porto. António Joaquim Alves Inácio, genro do lavrador “Zé da Augusta”, fez-lhe um convite para maioral das vacas bravas e aí esteve durante cinco anos. Cinco anos que passou com prazer porque lhe deram o ensejo de fazer o que gostava: -“*Estar ligado ao gado bravo*”. Recebeu entretanto um convite para a Casa de José Lico para maioral dos toiros, que aceitou. Manuel César Rodrigues convida-o a seguir para maioral das éguas e depois para ser responsável pela ganadaria brava que, se hoje existisse, tinha mais de cinquenta anos. Dos últimos cinquenta anos, cerca de quarenta passou-os com Manuel César Rodrigues. Das suas histórias de vida todas se concentram nas suas relações com o gado bravo, as quais têm a revelação de um homem resoluto, sabedor e simultaneamente ponderado. Lidar com ele no campo exigia atenção, saber ouvi-lo e seguir os seus conselhos sempre importantes e oportunos. As suas maneiras de ser, alicerçadas numa frontalidade clara na relação com os outros campinos, de conversa fluente e espontânea, cuja expressão revela uma convicção inabalável e que é vincada pela sonoridade das suas palavras, granjearam-lhe um grande respeito e admiração por parte de quem com ele lidou e o acompanhou, no campo ou na charneca, no maneo do gado bravo. A Lezíria conhece-a a palmo. Viveu quatro décadas nos Trinta e Oito Moios às ordens de Manuel César Rodrigues, mas na última década ficou-se pela Saragoça ao serviço dos herdeiros de Jorge Casquinha. Hoje, quando pode, desfruta ainda da janela da sua casa, à beira do Tejo, em Vila Franca, a extensão da Lezíria que avista quanto é capaz e da qual ainda fala com paixão e com uma saudade imensa como se ali se entregasse ainda a uma azáfama diária de um

maioral ribatejano.

Samora Correia cumpre o mais sagrado dever de homenagear os seus campinos. Ao Maximiano de Jesus Moreira, na sua Terra, no dia 17 de agosto de 2013, se lhe rende esta significativa homenagem, durante as Festas em Honra de Nossa Senhora da Oliveira e Nossa Senhora de Guadalupe, porque é merecida, porque é justificada e porque a esta figura de samorense nos rendemos, engrandecendo assim o nome e a honra de todos os campinos de Samora e de Portugal.

23 de Julho de 2013

Orlando Rocha Vicente (Desterro)

... Uma herança de sangue campero e toureiro...

Homenagem no Largo do Calvário no Sábado, 14 de Agosto, às 17 horas.

Samora homenageia em cada ano que passa uma figura do nosso campo ribatejano. Aos campinos rendemos-lhe as homenagens devidas nas Festas de Samora para que se ateste do valor e da importância que eles têm para a nossa Terra. Neste ano da graça de 2010 Samora escolheu o nome de Orlando Rocha Vicente. Filho de um dos mais destemidos campinos da nossa região a quem Samora já rendeu a sua homenagem e que teve no Orlando, hoje com 74 anos, o seu seguidor. Manuel Desterro (Manuel da Silva Vicente) deixou-nos as memórias de um tempo e uma descendência que se mantém ligada às artes de campo, à Festa e à Tradição. Na sua descendência contamos a Efigênia, a Maria da Conceição, a Filomena, a Patrocínia e o Orlando.

Este homem campino, nascido no Carregado, passou por algumas das mais importantes casas agrícolas do Ribatejo. Cuidadoso com o cumprimento das suas obrigações aplicado como maioral, grande tralhoeiro, maioral de toiros e maioral real por fim. A Casa Cirne, Prudêncio, Pinto Barreiro, Alconchel, Conde de Cabral... ocuparam a sua vida. Tralhoeiro cumpridor dava ao gado a comida, muitas vezes, na terra do vizinho - para lhe poder manter a forma e a capacidade de suportar o esforço físico pedido pelo puxo da charrua ou da carreta - tratava do gado como se lhe pertencesse. Nesse tempo já o Orlando cumpria a sua tarefa de guardador da manada dos bois de trabalho.

Naquele tempo, conta-nos o Orlando: - *“O meu pai punha*

os bois a comer na terra dos Palhas e escondia-se quando via vir o Salvador lá ao longe. O Salvador, maioral real da Casa Palha, dirigia-se ao barracão do Juncal e perguntava: onde é que está o Manel? (...) Eu respondia sempre que não sabia. O Salvador que vinha com mais um ou dois campinos, retirava o gado... quando eles se iam embora o meu pai punha outra vez lá o gado para aproveitar a pastagem”.

Manuel Desterro era destemido. Um dia de corrida em Alenquer fazia a recolha dos toiros com o Serra, seu primo, também criado da Casa Barreiro. O Grupo de Forcados não pegou de caras e o inteligente mandou tocar para a volta. Saíram os cabrestos. Os forcados continuavam sem conseguir chegar-se ao toiro para consumir a cernelha. Num rasgo de valentia o Manuel Desterro e o Serra largaram as varas entraram pelos cabrestos e realizaram eles a pega de cernelha. Acabou mal esta pega para os campinos que foram sovados pelo grupo de forcados no final da corrida.

O Orlando Vicente, que nasceu em casa da avó, no sítio onde está uma capela, à entrada da Castanheira do Ribatejo, aos doze dias de Março de 1936, acompanhou-o desde miúdo. Vivo, traquina, audaz, cedo bebeu o saber, o arrojo e a destreza, na aprendizagem diária da faina do campo na companhia do pai. Desse tempo, a vida conta-a por episódios pitorescamente divertidos quer quando nos fala do atrevimento - tinha onze anos - de montar o Zenite (o cavalo do maioral - o que pertencia ao seu pai) fazendo engenhosamente um freio de arame, a fazer de bridão, uma cabeçada de cordéis e usando uma vara de “tocar” os bois da charrua, se atreveu a campinar e a meter a dita vara a um boi da amansia (um toiro), a qual, por azar, escorregou peio lombo do bovino... Caiu-lhe em cima e levou uma tareia do toiro.

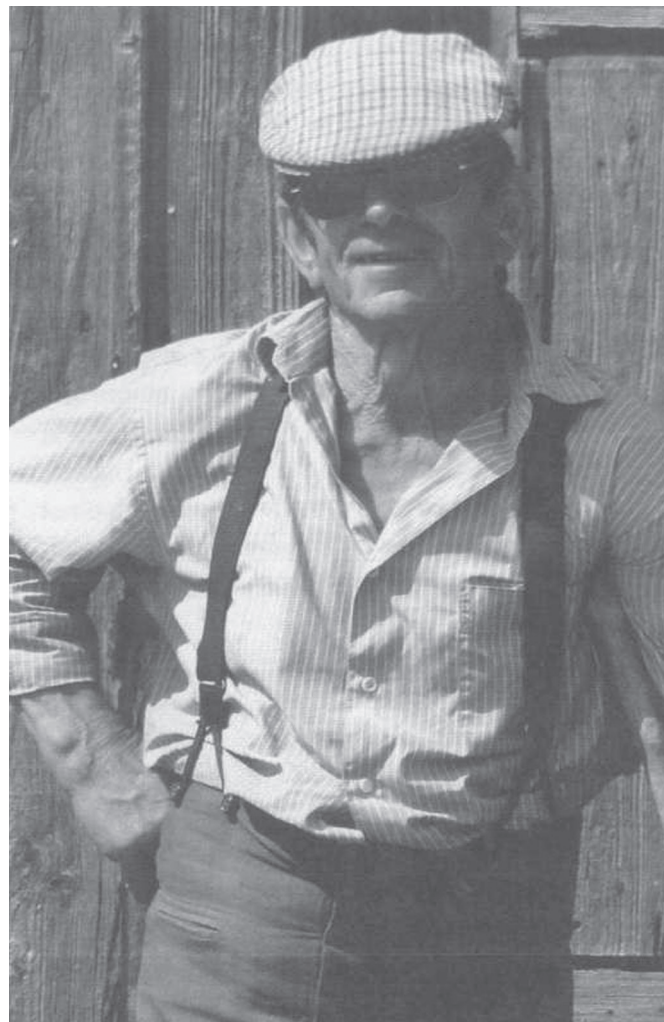
Chegado junto do pai e após as explicações não convincentes dadas ao seu progenitor, recebeu alguns açoites com uma brocha que vieram acrescentar mais algumas nódoas negras às que já tinha no corpo provocadas pelas cornadas que o toiro lhe havia dado.

Quando Manuel Desterro ocupou o lugar de maioral real da Casa Conde de Cabral, o Orlando desempenhou a função de contra-maioral dos bois de trabalho.

A dada altura o Sr. Conde comprou seis vacas ao Dr. Silva e o Orlando ficou responsável por esta vacada e pelos poldros. Tinha à volta de catorze anos. À hora da sesta não havia parança - *"Eu fechava os cavalos dentro do barracão da palha e, um a um, montava-os todos e ao fim de pouco tempo - uns dias - já os montava sem problemas... é que eu nem vinha ao monte de Bate Orelhas"*.

"Mais tarde veio uma vacada de Espanha e eu tomei conta das vacas bravas. Um belo dia o Menino Jacinto, (que ficou no lugar do Sr. Conde que havia falecido entretanto) na sequência de uma pequena discussão, diz para mim: - ponha-se em sentido quando falar comigo... e eu disse-lhe que ainda faltava um mês para ir para tropa... e vim-me embora. Fui valar para a Casa Palha no Esteiro do Bacalhau..."

Cumpri o serviço militar. Entrei na Companhia das Lezírias, estive na Raposeira, como guarda, na Casa do sr. Alberto Cunhal Patrício. A minha mulher não gostava de lá estar. A minha cadela veio-se embora passado poucos dias - veio parar a Pancas - e ao fim de algum tempo regressi porque na realidade eu nunca me consegui adaptar. Voltei à Casa do Sr. Conde de Cabral para maioral dos toiros.



Dessa altura tenho uma interessante história para contar: - o boi das vacas, comprado em Espanha, que eu tratava à ração e dava-lhe comer à mão, consentia muito a minha presença. A dada altura começou a habituar-se a entrar na barraca onde eu ficava e guardava a ração... o toiro metia a cabeça à porta, entrava, comia a ração e depois deitava-se dentro da barraca. Remoía toda a noite. Uma noite estava eu deitado na tarimba e veio encher-me a cara de baba... Assustei-me um bocado... mas não aconteceu nada.

O meu pai, sabia deste à vontade que eu tinha com o toiro - um dia, na minha ausência foi dar-lhe ração, só que, quando ele sacudiu a saca da ração, o toiro deve ter desconfiado e deu-lhe uma tareia. Salvou-o a minha cadela, a Macaca, a tal que tinha fugido da Raposeira e acabou por ficar lá por Pancas.”

O nosso maioral gostava do que fazia mas um dia: - “O Menino Jacinto um dia veio ter comigo e juntamente com o Sr. Rafael foi tirar o número aos toiros para se apartarem nove toiros para uma corrida. Pediram-me para se fazer a apartação cedo... e assim aconteceu. No dia seguinte de manhã cedo, por volta das cinco da manhã, montei-me a cavalo e apartei os toiros e enjaulei-os sozinho. Quando eles chegaram já eu tinha o trabalho feito.

Ficaram muito contentes pelo trabalho estar feito. Carregaram-se os toiros. Carregaram-se os cabrestos. O Conde volta-se para o Estevão e diz-lhe: você vai trabalhar com os cabrestos mais o Carlos Rocha... e ao Orlando ninguém disse, nem ai, nem ui... moita-carrasco. E eu... vim-me embora nesse dia.

Fui parar a Santo Isidro. Fui carregar cortiça.

O Sr. José Palha vê-me lá e diz-me: - tás aqui? Então vais à Adema pedir, ao Salvador, a balança emprestada para pesar a cortiça...”

Mandou-me ir num cavalo que estava lá na cocheira ressabiado... mas eu não fui de modas aparelhei o cavalo e montei-o. Antes de me meter ao caminho desenrolei-o à porta da cocheira - pedi ajuda ao meu cunhado Manuel. O cavalo era preto mas chegou à Adema branco de espuma. Os portos não abri nenhum... ele saltou- os todos. Quando cheguei lá não havia balança. Voltei, e no regresso, a cena foi igual. Quando cheguei a Santo Isidro pergunta-me o Sr. José Palha: então o cavalo foi bem? E eu demonstrei logo... o cavalo voltava para todo o lado, saltava as vedações... O Sr. José Palha ordenou logo que o cavalo ficava como minha montada: - agora passas a montar o cavalo todos os dias. E passas a dar a volta ao gado com o Constantino. Logo nesse dia houve campinagem. O meu cunhado Constantino (hoje já falecido) na égua papoila, o Manuel num cavalo com o ferro de Moreira Rato e eu no meu preto fomos dar volta ao gado. Estavam lá uns toiros defeituosos cochos, cegos e aleijados. Um deles serviu para a picaria. O meu sogro, o Manuel Custódio que Deus tem, estava lá longe a ver aquela cena toda. Ficámos aflitos e já não fomos almoçar... esperámos pela hora da sesta para ir comer... caso contrário o Manuel Custódio dava-nos um raspanete se não nos assentasse o cajado nas costas.”

Entretanto o Sr. Moreira Rato convida o Orlando e o convite é aceite. No Cardal passou algum tempo até que novo convite surgiu. Seguiu-se a Casa Prudêncio. Desbastou cavalos preparou-os para provas de obstáculos foi jockey e fez figura. Da Casa Prudêncio tem boas recordações. Realizavam-se muitos treinos de forcados. Antes porém executava ele a parte do toureio a cavalo.

Seguiu-se-lhe a vila de Borba, no Alentejo, por convite de Júlio Mascarenhas Bom de Sousa, da Mundial, mas a distância do seu ambiente habitual fazem-no regressar. Seguiu-se a Casa

Tomás da Costa onde desempenhou a função de maioral dos toiros. Recorda-nos durante a nossa conversa, uma Feira de Jerez onde exibiu com garbo e saber as montadas da Casa recebendo os maiores elogios dos apreciadores presentes. As duas últimas décadas passou-as na casa Pinto Barreiro.

Do casamento com a Maria Isabel Alves da Silva, também filha de campino, o saudoso Manuel Custódio, nasceram duas raparigas e dois rapazes: a Glória e a Filipa e o Orlando e o Pedro. A descendência continuada de um sangue “campero”, destemido, aficionado e toureiro, está personificada nos filhos Orlando Manuel Vicente, sobejamente conhecido no meio taurino como homem de ensino de cavalos, exímio no manejo da vara de campinar, arrebatando quase sempre os prémios das melhores varadas, nas picarias em que participava; no Pedro Vicente, que dedica a sua vida também à equitação, e pelo meio se divertiu pegando toiros, e mais recentemente nos netos Nuno Miguel, filho da Glória, novilheiro, o jovem Nuno Casquinha, cuja carreira desejamos seja trilhada com êxito e consiga ser mais um matador de toiros e finalmente o Diogo, filho do Orlando, que nos parecia que viria a ser um cavaleiro tauromáquico mas que hoje desempenha a função de subalterno de confiança às ordens do seu primo Diego Ventura, uma das máximas figuras do toureio mundial, neto da Efigénia e também bisneto de Manuel Desterro.

Os campinos são na sua essência homens de campo, de artes rurais que tentam manter as tradições, de forma intrínseca e continuamente vinculadas à Festa. Esses homens vão deixando ao longo dos tempos marcas indeléveis de comportamentos e atitudes muito particulares que brotam da espontaneidade com que se afirmam. Das heranças que muitas famílias nos vão

legando encontramos, aqui e ali, aquelas que passam de pais para filhos, netos e bisnetos, o saber, o entusiasmo e a dedicação. Alteraram-se profundamente as formas de manejo do gado e da vida no campo que não mais será como antigamente. A tradição vai lentamente deixando de ser o que era mas as nossas raízes continuam presas pelos sentimentos e pela paixão à nossa terra, à nossa história e às nossas histórias.

13 de Julho de 2010

Pierio Manuel Martins

Nasceu na propriedade da Amieira, pertencente ao lavrador e ganadero Alves do Rio, no Concelho de Coruche, no dia 20 de Janeiro de 1938. O pai era ao tempo maioral das novilhas bravas. De pequenino começou com o pai que nessa altura era o maioral das éguas da Casa Agrícola de José Carlos da Silva Santos de Coruche. O pai homem severo obrigava a que o garoto tivesse sempre maneiras e fosse empenhado na aprendizagem das artes do campo. O João Martins, mais conhecido pelo nome de João Penteadado, não perdoava desleixos ou maus trabalhos e exigia o cumprimento das obrigações como devia ser. E se de algum lado viessem queixas então redobrava as admoestações e os castigos. Até aos catorze anos, o Pierio, foi eguariço, fazendo da sua tarefa uma aprendizagem diária com o seu pai até chegar a contra-maioral das éguas, ainda jovem, com apenas 16 anos. O tempo e a idade desviaram-no do campo.

Largou aquela vida. Enveredou por outras azáfamas de que se destacam a de tralhoeiro, ora tocando os bois, ora rabejando a charrua e também singeleiro, entre outras artes do campo. Foi então morar para os foros da Fajarda. Durante tempos andou pelas actividades do campo, desde as tarefas das terras de sequeiro até às que se desenvolviam nos arrozais, fazendo parte dos ranchos de trabalhadores do campo. O cunhado Joaquim Paulo, hoje já falecido, que estava na ganadaria dos Andrades, no Roncão, depois de lhe ter arranjado trabalho nas obras de pavimentação da Estrada da Ponta d'Erva, convidou-o para se integrar na campinagem da Casa dos Irmãos Andrade e que ao tempo mantinham sociedade com o Senhor João Núncio. Aí



passou bons tempos. Enjaulavam-se toiros da casa, ajudavam-se os campinos das outras casas entre os quais o Foguete, o José Canário, o Joaquim Ganhão e o ganadero José Pedrosa. Participava-se também nas Festas do Eng.º Calheiros. O cunhado insistia para que aceitasse ficar na Casa mas o Pierio já não sonhava com a continuação da arte de campinar. Tinha vinte anos nessa altura e pensava noutras formas de vida mas não sabia ainda bem quais. Surgiu-lhe a oportunidade para entrar na Casa Isidoro

ficando responsável pelo gado retinto que se distribuía pela Herdade do Lombo do Toiro e pela Corte Nova, onde esteve cerca de oito anos. O patrão Isidoro gostava do Pierio, mas o Pierio achava que aquilo não era vida para ele. Por vezes era preciso convidar a campinagem das redondezas para mexer no gado que quase sempre dava trabalho. Eram o Gabriel da Casa Infante, o Francisco Foguete da Casa Barreiro, o Joaquim Paulo da Casa Andrade os que com a maior frequência se disponibilizavam. Claro que quando havia toiros das suas manadas para enjaular o Pierio dava a sua ajuda. Entretanto o cunhado Joaquim Paulo foi para o Alentejo, para o Monte Sousa da Fé e levou o Pierio para maioral das vacas bravas da Casa Andrade. Para além desta função principal da, vacada brava, fazia muitas outras tarefas, ora montando os cavalos, ora trabalhando com tractores, entre outras funções. Esteve lá dezanove meses. Desentendimentos com o cunhado Joaquim Paulo afastaram-no da Casa Andrade.

Antes de deixar a Casa Andrade, por ocasião da Feira de S. João de Évora encontrou-se com a campinagem da Companhia das Lezírias. O João Braz chama-o e diz-lhe: *“tens que ir para o pé da gente”*.

Passado pouco tempo veio de visita a Samora e encontrou-se com o Luís Carranca que lhe atira com uma oferta de trabalho para a Casa de Manuel dos Santos, para maioral da vacada numa herdade no Alentejo. Entretanto o Joaquim Semeano que era criado da Companhia apontava-lhe como uma boa decisão a entrada na Companhia das Lezírias. Voltou uns dias mais tarde para ver se na Casa de Manuel dos Santos ainda havia o lugar em aberto mas o facto de, naqueles dias, Manuel dos Santos ter falecido tragicamente num acidente de viação inviabilizou a

entrada do Pierio na ganadaria do Porto Alto. Foi admitido na Companhia das Lezírias em 1972. Assentou arraiais na Marqueira. Seguiu-se-lhe o Mouchão de Eça. Mais tarde o Dr. Mira arranjou-lhe uma casa no Porto Alto onde passou a habitar fixando-se a partir daí em Samora. Por aqui tem estado há mais de quarenta anos. É um Samorense de coração e por razão de sobejo assim o consideramos todos os que o conhecemos. Aqui estabeleceu a sua vida, aqui cimentou amizades e aqui se constituiu como um daqueles a quem Samora deve o respeito e a admiração que hoje lhe tributamos. Das amizades também nos fala com emoção e dos que com ele trabalharam. Não regateia elogios a todos os que o acompanharam durante o tempo em que esteve na Companhia das Lezírias.

Recordamo-nos dos tempos em que a sua colaboração foi um valor acrescentado para as nossas Festas nas quais participou desde o primeiro dia em que na década de oitenta se recuperou a presença dos campinos como um valor que não é folclore mas sim uma vivência da gente que tem raízes profundas na história das nossas vidas e da nossa Samora Correia.

As Festas de Samora foram durante anos ajudadas por este homem que sempre esteve disponível para as engrandecer e para coordenar a disponibilidade dos seus colaboradores que com ele constituíram uma ajuda imprescindível.

Por tudo o que acabamos de referir e por tudo o que o Pierio Martins representa para nós, é nosso dever dizer-lhe aqui e agora: Obrigado. Bem-haja!

13 de Julho de 2006

O Campino Saldanha

Entre muitas dezenas de profissões que davam vida ao campo, os campinos e os avieiros eram os mais notados na lezíria de norte a sul, nas épocas de Inverno.

Uns, nas suas montadas, guardando os gados e as empostas, pisando os aluviões, empapados de água, os outros, remando nos seus pequenos batéis¹ ao longo de grandes abertas, valas reais, colocando as “narças”² no leito desses cursos de água, ou usando outras artes para a captação de espécies piscícolas de água doce, entre as quais as enguias, tornadas hoje um dos mais promovidos manjares da cozinha regional ribatejana.

O Inverno marcava a sua passagem, muitas vezes, com a força das águas do Tejo invadindo a lezíria. Nessa altura, a solidariedade entre pescadores e campinos era a grande força salvífica de gentes, gados e haveres. No entanto, fora desse tempo os campinos e os varinos não morriam de amores uns pelos outros, porque os avieiros, os homens e as mulheres, procuravam as terras de resteva³ para fazerem o rabisco⁴ da fava, do grão ou outras culturas onde houvesse restos para encher o saco. Mas a solidariedade renovava-se quando o gado tinha que passar de uma margem para a outra do grande rio⁵. Na região de Valada era frequente as manadas de gado bravo passarem, de norte para sul

e vice-versa, atravessando o rio Tejo a nado.

Era também nessa altura que os pescadores, com as suas embarcações, serviam de guia no curso das águas, e transportavam os campinos, aqueles que não se encorajavam a atravessar o rio sobre a montada. Centenas de cabeça de gado e dezenas de campinos e varinos foram protagonistas desta árdua tarefa de condução do gado nas travessias do Tejo, autênticas epopeias.

O maioral Saldanha, campino da família Palha, tinha que fazer atravessar o Tejo, juntamente com os outros maiorais seus companheiros, uma manada de gado, em Vaiada do Ribatejo. Conduzida a manada até às margens do rio, avisados os barqueiros, tudo parecia estar a acontecer normalmente. Entre as lanchas e a margem existiam alguns metros de água cuja profundidade obrigava, a quem quisesse alcançar a embarcação, a encharcar-se até à cintura ou socorrer-se de uma outra solução, aparentemente impossível de encontrar ali naquele momento. De repente, de uma das bateiras, uma varina, mulher possante e desinibida, encarregada de manejar os remos da embarcação, gritou ao campino Saldanha e avisou-o de que ela própria viria junto à margem, em sítio de pé enxuto, para o colocar às suas cavalitas e o trazer para dentro da lancha. Esperou o Saldanha pela pescadora junto à margem para de seguida lhe saltar para o dorso, equilibrando-se com alguma destreza, tentando chegar ao transporte fluvial são e salvo. Assim não aconteceu. O campino Saldanha, ao sentir-se aconchegado nas costas da varina, esqueceu-se que era preciso ter alguns laivos de cerimónia e de recato. Aconchegara-se nos quadris da mulher que se dispusera a levá-lo até ao pequeno barco como se

1 Pequena lancha apropriada para “navegar” nas valas da lezíria

2 Rede de pesca com a forma de funis sobrepostos que eram colocadas nas valas das lezírias

3 Parte dos caules que ficam na terra depois das colheitas ceifadas ou ganhadas

4 Sementes retiradas na terra após a retirada das colheitas

5 Rio Tejo

6 Avieira



encostasse as pernas à sua montada e, ao fazê-lo, mergulhou inesperadamente nas águas do rio, ficando como um pinto, completamente encharcado dos pés à cabeça. Enxugou a roupa no corpo e, em consequência, apanhou uma enorme constipação que o deixou resfriado e de pingo no nariz. Regressado ao Monte da Foz com a gripe no corpo, que levou algum tempo a curar, explicava aos que o interrogavam sobre a origem da doença e como tudo acontecera: *“A varina pegou em mim e eu encostei-lhe as pernas (...) ela não teve mais nada (...) deu de garupa e pregou comigo dentro de água”...*

Saldanha pontificava entre os melhores do seu tempo. Os mais velhos ainda hoje o recordam.

Vítor Manuel Guerreiro da Silva

Nasceu em Benavente a 18 de Dezembro de 1947. Com 61 anos tem um percurso de vida semelhante a tantos outros homens do campo que na sua meninice tiveram como instrução o trabalho e a vida agarrada à terra. Quando miúdo, o Vítor não quis frequentar a escola. Preferiu a “liberdade” e o ar livre para aí se enriquecer da experiência dos mais velhos. O pai, barqueiro de profissão, passou a sua vida numa fragata de vela erguida, cruzando as águas do Tejo e seus afluentes, transportando géneros e colheitas da terra para as urbes importantes onde recolhia os produtos aí transformados e destinados aos consumos das populações rurais. Aos 18 anos, o Vítor era trabalhador rural na Casa Agrícola do Eng.º Alberto Xavier¹, que ao tempo também criava toiros de lide. O José Chora, ao tempo feitor da Casa, convidou-o para montar cavalos e ajudar no maneio do gado. Um belo dia foram apartar toiros. O Vítor, que só queria correr de um lado para o outro, foi interpelado pelo José Miranda, então criado do ganadero João Ramalho, que ia frequentemente ajudar os campinos de Alberto Xavier. Chamou-o e disse-lhe: “Oh Vítor, não andes a correr de um lado para o outro, coloca-te junto aos cabrestos, toma atenção a tudo o que se passar e espera que te chamem”. Assim fez o Vítor, que esperou até à hora do almoço na sua montada junto aos cabrestos. Acabada a faina, o Zé Miranda explicou-lhe: “Assim ficaste a saber o que a gente estava a fazer!”

¹ É merecida aqui uma explicação sobre o Sr. Eng.º Alberto Xavier, ganadero apaixonado e extraordinário contador de histórias do campo e das suas gentes, colaborador da NB durante alguns anos, onde desenvolveu exactamente essa temática.



Passados três anos saiu para a Companhia das Lezírias para maioral dos garraios. Entretanto, foi convidado pelo Joaquim Preceito para maioral das vacas bravas da Casa Oliveiras, Irmãos. Passou pela Casa Goes, em Ponte de Sôr. Foi admitido na Herdade da Adema para maioral das vacas mansas, das éguas e para montar os cavalos. Um convite surgiu e saiu para a Casa de José Palha onde fazia os desbastes dos poldros. Voltou à Companhia das Lezírias e regressou à Casa de José Palha. Já lá vai mais de uma década voltou à Companhia das Lezírias, onde se encontra actualmente. Quando o interpelamos sobre a camaradagem que viveu, recorda-se com saudades da amizade que teve com o Carlos Custódio e com o Carlos Costa, na Casa de José Assis Pereira Palha, de quem recebeu muitos ensinamentos e conselhos. Muito do que sabe de cavalos e toiros deve-o a estes dois homens, com quem partilhou muitos dias de trabalho de campo.

Das histórias por contar recorda-se de um dia na Adema: “Andávamos eu, o Joaquim Bernardino, o Joaquim Isidro, o António Guarda e o António Barroca, a tirar os garraios bravos para a lezíria de Vila Franca. O cavalo que eu montava fugiu comigo e foi parar ao sítio onde estava um garraio que, nem eu, nem o cavalo, tínhamos avistado. Quando o cavalo chegou junto do garraio recebeu uma cornada e acabou por morrer.”

Montou muitos cavalos, lidou e continua a lidar com muito gado, na lezíria e na charneca. Participa ainda hoje em muitas entradas de toiros em terras do Ribatejo. “O que aprendi foi com os mais velhos. No maneio do gado é a calma e a paciência que ajudam a resolver muitos problemas. Só se deve picar numa rês em caso extremo, quando já não há outra forma de resolver... Gosto de trabalhar com toda a campinagem e gosto da Casa da

Companhia, (...) onde estou hoje e me sinto bem”.

O Vítor é um homem respeitado entre a campinagem. Os silêncios das suas palavras, a postura dos seus gestos, a franqueza da sua amizade, a honradez no seu trabalho, fazem com que lhe expressemos o mais elevado reconhecimento por representar para todos um exemplo da alma ribatejana. Sempre que olhamos para os homens do campo que hoje permanecem íntegros e espontâneos, retenho na minha memória aqueles que foram passando por todos os lugares da terra ribatejana e que constituem uma plêiade de homens bons, quais raízes que ainda seguram a nossa cultura e a nossa tradição.

A tradição chega-nos através dos sinais que reflectem as vivências dos que nos antecederam e traz consigo uma verdade insofismável: a verdade da história, da história da vida, das pequenas histórias e dos grandes factos, da história contada de forma espontânea.

Se nos focarmos na importância que tem para todos a defesa dos costumes, das vivências das nossas gentes, percebemos que a tradição é um valor que não se pode desperdiçar. Mantê-la é salvar a nossa identidade. É preciso perceber o porquê das coisas e dar-lhe o valor que realmente têm no contexto em que se inserem.

Para além de darmos atenção aos registos da história, sagrarmos as vidas e as obras dos que nos antecederam, queremos olhar também com admiração e respeito para os que conosco partilham hoje as mesmas vivências, os mesmos interesses com a mesma paixão e o mesmo portuguêsismo com que nós nos afirmamos.

